Os carcarás singrando o céu da Feira

24/09/2020

Curtir 0 Tweet

Às vezes chego à janela e me deparo com um carcará pousado no topo do prédio que fica defronte. É uma ave soberba, imponente, altaneira. Aprecio-o mais nos finais de tarde – com a primavera, já avisto daqui o sol de pondo, espalhando uma mancha vívida, esbraseada, lá para os lados de Jaguara – quando se lança em manobras ousadas na direção do poente. Antes do "novo normal", via-o, às vezes, nos finais de semana, navegando com elegância pelos ares, mas o corre-corre, as agonias cotidianas, embotavam a observação.

Agora vejo-o sempre. E descubro que não vive só: noutro dia, vi quatro carcarás emergindo do prédio fronteiro, sobrevoando-o, equilibrando-se ao vento, sob o céu encardido pelas nuvens de chuva. Aquele que sempre vejo – presumo – estava entre eles. Talvez tenha sido ele próprio que pousou, com familiaridade, no lugar habitual, o cimo de uma imensa caixa-d'água. Confesso meu contentamento pueril com vizinhança tão imponente.

Às vezes, depois de descrever uma curva precisa, a ave faz um voo rasante ali para os lados da lagoa do Prato Raso. Creio que, lá, às vezes obtém alimento. Afinal, numa luminosa manhã de sábado vi-o retornando com uma presa entre as garras. Pendente, um rabo repugnante que, julgo, pertencia a uma ratazana. Depois de mais uma curva, ele sumiu nos fundos do prédio. Foi se alimentar.

Muito me orgulha ser vizinho de uma ave da família *Falconidae*, aquela dos falcões. Mais ainda quando se trata de um *Caracara Plancus*, o nosso carcará nordestino, símbolo da têmpera sertaneja. Na Inglaterra, ele tem nome solene também: *Southern Caracara*. Conforme mencionei, o porte me impressiona. As medidas, idem: 56 centímetros de comprimento, 830 gramas de peso e 120 centímetros de envergadura. E, apesar do tamanho, no ar, tanta graça e tanta leveza...

Descubro vasculhando a Internet que o cardápio do carcará é bem amplo: da carniça às sobras de peixes, passando por lagartixas e roedores, tudo lhe apetece. O carcará é resistente às toxinas presentes em organismos em decomposição. Não é à toa que se adapta à vida nas cidades. Surpreendi-os, algumas vezes, emitindo um grunhido que seduz pouco quem ouve. Parece mais um alerta, um aviso, uma advertência da ave terrível.

O que me encanta mesmo é o seu voo. Alça-se, com graça, às grandes alturas e, lá, mexe as pontas das asas num movimento suave, contínuo. Parece senhor dos ventos, que sopram conforme seus caprichos. Pelo menos é a sensação que dá ao observador distante que acompanha, embasbacado, da janela de casa. Aquelas aspirações infantis de poder voar retornam, intensas, quando o carcará, num movimento brusco, arremete em direção à amplidão, despertando uma inveja profunda...

A cantora santamarense Maria Bethânia, muito jovem, imortalizou o carcará com a interpretação de uma canção de João do Vale. Alguns trechos traduzem bem as sensações do observador extasiado: "É um bicho que avoa quem nem avião (...) Tem o bico volteado que nem gavião (...) Carcará é malvado, é valentão/É a águia de lá do meu sertão". Sorrio, daqui, observando a performance do carcará no poente em chamas: estamos, de fato, bem representados aqui no sertão.

É bom começar a sexta-feira ouvindo Maria Bethânia cantando carcará. Mesmo que a sexta-feira do "novo normal" não desperte aquelas sensações libertárias que pulsavam até o começo de março...

André Pomponet

0 comentários Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

LEIA MAIS

André Pomponet
Carreata cobra auxílio emergencia
23/02/2021

Opinião que muda o mundo
ARMA NÃO É BRINQUEDO
23/02/2021

Caneta Afiada
Caneta Afiada
23/02/2021

André Pomponet
Impressões iniciais sobre a Câmara
11/02/2021

Caneta Afiada
Caneta Afiada
11/02/2021

« Anterior **Próxim**

© Todos os direitos reservados. 2(
Email: infocultural@infocultural.c(
Painel Administrativo